

OS HOMENS DE JORGE AMADO: A HOMOSSEXUALIDADE EM SUOR

Xavier Antonio Jeferson Barreto

jeffersonbxavier@hotmail.com

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Brasil

[Recibido: 5 abr. 2013 / Aceptado: 30 may. 2013]

RESUMEN

O presente trabalho propõe analisar a representação de dois personagens homossexuais presente no livro *Suor* de Jorge Amado, publicado em 1934. Buscaremos entender como o autor aborda a temática e qual tratamento é dado aos personagens gays: Franz, o alemão professor de piano e um negro apelidado de Medonho que é vendedor de frutas. Apontaremos ainda, uma possível valorização do homossexual inscrito dentro de uma masculinidade hegemônica, ocorrendo uma rejeição do homossexual efeminado.

Palavras-chave: homossexualidade, masculinidade, efeminados.

ABSTRACT

This paper aims to analyze the description of two homosexual characters portrayed in Jorge Amado's book *Supr* published in 1934. We will seek to understand the way the autor addresses the topic and how he deals with the homoerotic characters: Franz, a German piano teacher, and a black man nicknamed Medonho who is a grocer. It will be also pointed out a possible appreciation of the homosexual within a hegemonic masculinity and the rejection of the effeminate homosexual.

Key words: homosexuality, masculinity, effeminate.

O presente trabalho propõe analisar a representação de dois personagens homossexuais presente no livro *Suor* de Jorge Amado. Publicado em 1934, o romance se passa no Pelourinho e no antigo casarão número 68, “famoso cortiço onde residem nada menos que seiscentas pessoas, alojadas em cubículos” (Duarte, 1996, p.62) e que em 1928 foi o endereço do próprio Jorge Amado. Em entrevista a jornalista francesa Alice Raillard (1992) o escritor falou sobre a época em que viveu no cortiço:

Durante algum tempo morei numa ruela vizinha ao Largo do Pelourinho, no coração da velha Bahia (...). A casa em que eu morava era uma construção colonial alta e sombria, onde se amontoava uma multidão de pessoas exóticas. Eu morava bem em cima, numa água-furtada. (...) *Suor* é verdadeiramente a minha vida no Pelourinho. (Raillard, 1992, p.33).

A escolha de observar a representação dos personagens homossexuais masculinos na obra *Suor* de Jorge Amado surge da necessidade de e evidenciar essa temática na obra desse autor, uma vez que este ficou conhecido mundialmente por abordar em seus romances as mulheres e suas relações amorosas heterossexuais, havendo sempre um esquecimento dos homens que também constituem os seus romances e para interesse desse trabalho, os homossexuais, por isso a escolha do título “Homens de Jorge Amado:

a homossexualidade em *Suor*”. O desejo de trabalhar esse tema surge ainda de constatarmos que o estudo dessa temática fica muitas vezes à margem das análises destinadas à produção amadiana.

Quando se pensa em homossexualidade na obra do escritor baiano, há uma breve referência a obra *Capitães da Areia* (1937), no entanto, outras obras do escritor trazem personagens homossexuais e em sua maioria homossexuais masculinos, a saber : Machadinho, Miss Pirangi e Fernand em *Gabriela, cravo e canela*, de 1958; *O pai e o filho do conto* de Ticiano em *O país de Carnaval*, de 1937; *Filipe e Sem dentes* em *Jubiabá*, de 1935, entre outros.

Um dos objetivos desse trabalho é ainda contribuir para que Jorge Amado seja também (re) conhecido pelos seus personagens gays. Observaremos o lugar ocupado por essas personagens no romance e como eles são representados, sendo eles: Franz, o alemão professor de piano, que fora sacristão de um convento, e um negro, apelidado de Medonho, vendedor de frutas. O primeiro aponta um comportamento homossexual não aceito pela comunidade, ele tem uma “alma feminina”, quer namorar, carinho e atenção, paga aos homens com quem se relaciona, o que o leva a ser vaiado nas ruas como “Xibungo”, alcunha recorrente na obra amadiana para se referir aos homossexuais, em especial aos que apontam

um comportamento passivo e efeminado. Veremos então, qual o tratamento é dispensado ao homossexual efeminado e passivo.

O próprio autor em seu livro *Navegação de Cabotagem: apontamentos para um livro de memória que jamais escreverei* (1992) versando sobre a temática diz:

Vale recordar que nos anos vinte a condição de homossexual só era atribuída aos passivos — aquele dá, dizia-se em língua de acusação —, alcunhados de chibungos com desprezo, vítimas do preconceito, perseguidos, marginalizados, excrescências. Os ativos, os que comiam, eram olhados com admiração e inveja, considerados machões, não estavam sujeitos à crítica e à discriminação, os fan-chonos. (Amado, 1992, p.472).

Acreditamos que o autor transfere essa visão para sua obra, porém a narrativa não deixa claro ou especificamente definido a condição sexual ocupada pelos personagens homoeroticamente inclinados em Suor, se passivo ou ativo, mas pela recorrência de chamar os passivos de “Xibungos” em outras obras e assim se referir a Franz, ousamos pensar que esse seria o passivo do romance, o que no pensamento popular aproxima-se mais do feminino, logo sofrerá mais preconceito, o que no pensamento popular aproxima-se mais do feminino e assim, logo sofrerá mais preconceito.

A pesquisadora Regina Ferro do Lago (1999) citando autores como Fry (1982), MacRae (1985) e Parker (1991), aponta que na concepção desses autores o universo sexual em nossa cultura se encontra ordenado menos pelas categorias heterossexual/homossexual/bissexual do que pela lógica hierárquica de gênero, expressa na dicotomia ativo/passivo. Ainda segundo a autora, o modelo dominante seria o que dá relevância aos papéis de ativo e passivo, o primeiro relacionado à masculinidade e o segundo a feminilidade. O outro personagem, Medonho, também é homossexual, porém é “respeitado” porque segundo o narrador este se diferencia de Franz: “Já Medonho era mais liberal. De certa hora em diante, o seu quarto estava aberto a todos que sofriam falta de dinheiro e de mulher” (Amado, 2004, p.51) praticando ‘sexo sem emoção’ (Oliveira, 2002, p.116 *apud* Antunes 2009.) Na opinião de Ana Luiza Rodríguez Antunes

De certa forma, Medonho é a encarnação do que alguns homens parecem vir buscando há séculos nas mulheres — prazer imediato sem culpa ou comprometimento. Sob esse ponto de vista, é, pois, natural que o poupem e zombem de Franz, que parece desejar ser completamente “feminino”. (Antunes, 2009, p.159)

Encarnando assim uma relação típica do imaginário masculina de que o “homem de verdade” faz sexo por fazer, e com todas e todos, desde que não saiam da posição de ativo e não se aproxime da feminilidade. Logo no começo do capítulo que estamos analisando, intitulado de Sexo, há uma vocação aos homens: “homem pra ser homem precisa beber cachaça, dormir na cadeia e ter gonorréia.” (Amado, 2004, p.48) a doença sexualmente transmissível surge então como prova da atuação sexual do “macho de verdade”.

Para Judith Butler “a heterossexualização do desejo requer e institui a produção de oposições discriminadas e assimétricas entre “feminino” e “masculino”, em que estes são compreendidos como atributos de “macho” e de fêmea” (Butler, 2003, p.38). Assim, o personagem Medonho se associa ao “masculino/macho”, em outras palavras, ao homossexual viril e inscrito dentro da masculinidade hegemônica, enquanto que Franz se aproxima do “feminino/fêmea” ou do gay efeminado, com evidente preeminência do primeiro sobre o segundo. Observamos com isso, que qualquer sujeito que foge aos comportamentos tidos como “atitudes de homens de verdade”, que se afasta da virilidade, essa tida como fundamento da masculinidade hegemônica, são considerados como abjetos, anormais e assim é considerado o personagem Franz no romance amadiano.

No romance fica bem claro como as atitudes de Franz não são bem vistas pelos os homens e como Medonho é respeitado por eles, como podemos verificar nesses excertos:

Franz, que ganhava bem, (...) nem sempre era presa fácil. Precisavam conquistá-lo, namorá-lo dias e noites (...). Franz pagava aos homens que o frequentavam. O pior é que ele gostava de se amigar (...). Chorava quando era abandonado. Os homens não gostavam disso. Esse negócio de se amigar com um homem não era com eles (...) (Amado 2004, p.50).

[Medonho] Apesar de porco e feio, beiços grossos e nariz chato, alguns o elogiavam. Demais oferecia feijoada e pinga aos admiradores e cantava sambas e marchas da moda. Não dava nem recebia dinheiro. Sentia nojo de Franz, *alemão porco que fazia buchê*. Talvez por tudo isso, quando medonho passava com o tabuleiro de frutas (...) os homens sentados à porta do 68 nada diziam, não faziam pilhérias. Se era, porém o alemão quem passava (...) eles assobiavam e gritava: — Xibungo! Xibungo! (...). (Amado 2004, p.51 grifos do autor).

Em um artigo intitulado *Só os viris e discretos serão amados*, Sérgio Carrara (2005) faz uma discussão a cerca da valorização que vem crescendo nos últimos tempos do homossexual viril. O antropólogo aponta dados de duas pesquisas realizadas nas paradas gays das cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro:

Na pesquisa do Datafolha, chamou a atenção o fato de 76% dos entrevistados concordarem, total ou parcialmente, com a idéia de que “alguns homossexuais exageram nos trejeitos, o que alimenta o preconceito contra os gays”. A pesquisa do Rio revelou que, entre os homens homossexuais, 44,6% preferem parceiros “mais masculinos”, contra apenas 1,9% que os preferem “mais femininos” (para íntegra dos resultados ver (www.clam.org.br). Para alguns, por aumentar o preconceito, a feminilidade parece politicamente incorreta nos homens. Para outros, deve ser cuidadosamente policiada pelos que se aventuram no mercado dos afetos e paixões.(Carrara, 2005 disponível em www.clam.org.br).

Com o resultado das pesquisas Carrara (2005) questiona “Afinal, apenas os homossexuais viris, discretos e bem comportados merecem o paraíso?”. Pesquisa parecida também foi realizada pelo grupo de pesquisa Cultura e Sexualidades CUS/UFBA, sobre a representação das personagens não-heterossexuais na Rede Globo. Esta pesquisa indicou a existência de três representações: a que realizava uma ligação da homossexualidade ao crime, a da “bicha louca” provocadora de risos e a última que tem aparecido com intensidade é a que inscreve as personagens dentro de uma matriz heteronormativa. Os pesquisadores consideram as três representações problemáticas, mas revela que comum ouvir integrantes da comunidade LGBT elogiando só os personagens que apresenta uma matriz heteronormativa (Colling, 2011, p.16). Colocamos essa discussão no nosso trabalho por associar o personagem Medonho ao homossexual considerado viril e discreto e que se distancia da feminilidade, o que justificaria o narrador deixar claro que “(...) quando Medonho passava com seu tabuleiro de frutas (tinha freguesia certa e boa), os homens sentados à porta do 68 nada diziam, não faziam pilhérias” (Amado, 2004, p.51). Enquanto Franz, que é apresentado como romântico, choroso e que deseja uma relação douradora e monogâmica, sofre uma rejeição por parte dos homens “Se era, porém o alemão quem passava (...) eles assobiavam e gritava: — Xibungo! Xibungo!” (Amado, 2004, p.51). Sobre Franz o narrador ainda diz: “O pior é que ele gostava de se amigar e só se entregava a um. Chorava quando era abandonado. *Os homens não gostava disso*” (Amado, 2004, p.50, grifos nosso). Essas atitudes tidas como anti-masculinas atribuídas na sociedade como “coisa de mulher” e que, portanto, devem ser recusadas pelos ‘homens de verdade’ ou pelos os que não querem se distanciar desse modelo de masculinidade. Assim no pensamento da nossa sociedade heteronormativa “ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual (...) não ser efeminado na aparência física ou nos gestos” (Badinter, 1993, p.117 apud Dutra 2003). O próprio Medonho tinha preconceito contra o Franz: “Sentia nojo de Franz, *alemão porco que fazia buchê*” (Amado, 2004, p.51 grifos do autor). O nojo sentido por Medonho se estende ao jeito de Franz, comprovando o quão a “heteronormatividade paira inclusive sobre os homossexuais” (Colling, 2011, p.17).

Segundo Edward MacRae “[...] atualmente, a aparência viril é cada vez mais prezada, e começa a surgir um novo homossexual estereotipado que frequentemente ressalta sua aparência máscula, exibindo bigode, barba, músculos de halterofilista, etc...” (MacRae 1990, p. 54 *apud* Colling, 2011). Há uma crescente busca de alguns gays pelo o enquadramento a atitudes consideradas masculinas e heterossexuais, o que ao nosso entendimento faz o personagem Medonho, por isso escapa das vaias e dos xingamentos, reforçando pensamentos populares do tipo “não tenho nada contra os gays, mas também não precisa sair desmunhecando” ou “olha que legal, aquele rapaz é gay, mas nem parece”. Retomamos ao pensamento de Carrara (2005) “Final, apenas os homossexuais viris, discretos e bem comportados merecem o paraíso?”. Esperamos que não, que o sujeito tenha direito de ser feliz independente de como queira viver sua identidade, sem ter que seguir os conselhos e modelos pré-estabelecidos. O professor e pesquisador Fernando Seffner no seu trabalho: **Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT**, faz uma crítica a busca de uma única possibilidade de vida gay, a essa busca em se enquadrar em atributos claramente hegemônicos da masculinidade. Entre os atributos aponta a valorização do gay viril e discreto,

• 60

Não criamos novas possibilidades de vida *gay*, lésbica, travesti, transexual. O que temos feito, em paralelo com a conquista de direitos, é aproximar a vida *gay* feliz da vida de família e do casamento, com a incorporação do homem *gay* viril. Já estamos quase no nível das propagandas de margarina, nas quais teremos famílias felizes de *gays* com filhos adotados ou obtidos por reprodução assistida, tomando café da manhã juntos antes dos pais irem ao trabalho e os filhos para a escola. Tudo bem, não estou discutindo felicidade, é claro que dá para ser feliz assim, não temos como ficar comparando felicidades. Só que isso desloca para o submundo e desvaloriza muitos outros modos de ser *gay*. (Seffner 2011, p.66 In: Colling 2011.).

Entendemos como Seffner (2011) que devemos buscar respeitar as diversas possibilidades de vida *gay*. Se o homossexual masculino deseja ser efeminado, temos que respeitar e assegurar que ele viva sem que sofra discriminações e preconceitos, não restringindo a vida *gay* ao modelo viril e discreto. O que não podemos negar é que os gays efeminados sofrem mais preconceito, inclusive dentro da própria comunidade LGBT, partindo dessa informação, o termo homofobia sofre questionamentos, pois para alguns teóricos o termo não abrange algumas manifestações de preconceito, não abrange, por exemplo, a fobia ao feminino ou ao homem efeminado, para Richard Miskolci:

O termo homofobia deixa de expressar componentes fundamentais do que nossa sociedade aponta como sinal de abjeção, em especial o medo do efeminamento

em homens e a recusa do feminino em geral. Deixa de questionar a dominação masculina, hetero ou homo, sobre as mulheres e homossexuais femininos. Niall Richardson (2009), por exemplo, opta pelo uso de **efeminofobia** para ressaltar os traços antigênero feminino e misóginos presentes nessas formas de discriminação e violência. Assim, ressalta que a fobia não é tanto com relação à homossexualidade e sim com relação ao efeminamento. (Miskolci 2011, p.48 In: Colling 2011, grifo nosso).

Como podemos observar em *Suor*, há uma rejeição a Franz por ele se aproximar do feminino, sofrendo efeminofobia, adotando o termo de Richardson (2009). Problematicamos essa discussão no livro *Suor*, por concluirmos que, se houvesse dentro do romance uma rejeição para com os dois personagens *gays* de forma parecida, compreenderíamos que a rejeição é contra a homossexualidade por si só, mas diante do exposto verificamos que Medonho por se enquadrar em uma masculinidade hegemônica e buscar atributos tidos como hetero não sofreu nem um tipo de injúria ou discriminação, enquanto Franz sofre por ser associado à mulher, uma vez que

Nós estamos claramente em presença de um modelo político de gestão de corpos e desejos. E os homens que querem viver sexualidades não-heterocentradas são estigmatizados como não sendo homens normais, acusados de serem “passivos”, e ameaçados de serem associados a mulheres e tratados como elas. Pois se trata bem disto, ser homem corresponde ao fato de ser ativo. E não foi por acaso que encontramos os estupradores dos homens, pois ativos e penetrantes não vivem como homossexuais. (Welzer-Lang, 2001, p.468)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de Jorge Amado é considerada precursora no combate as diferenças sociais e de discriminação racial. O escritor sempre abordou em seus romances as histórias do povo simples e marginalizado, com destaque para as prostitutas e vagabundos. O próprio Jorge Amado reconheceu que,

[*As prostitutas*] são banidas da sociedade pelos regimes capitalistas, socialistas, feudais; são perseguidas em todos os regimes, consideradas uma doença social. E os vagabundos também. As putas e os vagabundos. São personagens que me apaixonam, *trato-os com um cuidado especial no meu trabalho, e realmente estou próximo a eles.* (Raillard, 1992, p.270 grifos nosso.).

Lamentamos, no entanto que não haja o mesmo tratamento para com os homossexuais e que Jorge Amado não os tenha visto como as prostitutas e vagabundos, como sujeitos perseguidos na sociedade e também merecedores de um tratamento especial no seu trabalho. Sobre esse assunto o romancista baiano conservou-se limitado, reproduzindo muitas vezes os preconceitos, estereótipos e clichês presentes na sociedade. O homossexual na obra amadiana ocupa um lugar periférico e apresentado com brevidade, sem grandes feitos dentro do romance, ficando sempre a sombra de um discurso central heteronormativo.

Em *Suor* os personagens homossexuais surgem uma única vez, no capítulo intitulado *Sexo*. Constatamos que há uma valorização do homossexual viril que se mantenha discreto e que busque moldar-se dentro das normas ditadas pela heterossexualidade e em contra partida uma discriminação contra os efeminados e passivos, alcunhados de Xibungos, aqueles que apresentam atributos tidos com anti-masculinos e que são efeminados, sofrem perseguições recebendo vaias e xingamentos. Evidenciamos a existência desses personagens dentro do romance amadiano, que pela brevidade que aparecem na narrativa pode até passar despercebido aos leitores.

REFERÊNCIAS

Amado, Jorge. (2002). *Suor*, Rio de Janeiro: Record.

Amado, Jorge. (1992). *Navegação de cabotagem: apontamentos para um livro de memórias que jamais escreverei*, Rio de Janeiro: Record.

Antunes, Ana Luiza Rodríguez. (2011). *Homossexualidade: a mestiçagem que Jorge Amado não viu: um estudo sobre as personagens homossexuais nos romances de Jorge Amado*. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2009. Tese de Doutorado. Extraído dia 19 de fevereiro de 2011, de: // http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=154283 .

Butler, Judith. (2003). *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Carrara, Sérgio. (2005). *Só os viris e discretos serão amados?* Extraído no dia 14 de julho de 2012, de // <http://www.clam.org.br/publique/cgi/cgilua>.

Colling, Leandro. (2011). *Stonewall 40 + o que no Brasil?*, Salvador: EDUFBA, 2011.

Dutra, Flavia Silveira. (2003). Letramento e Identidade: (Re) Construção das Identidades sociais de gênero. En Moita, Luiz Paulo (Org.). Discursos de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça idade e profissão na escola e na família, Campinas: Mercado de Letras.

MACRAE, Edward.(2011) *Os respeitáveis militantes e as bichas loucas*. En Colling, Leandro (org.). *Stnewwall 40 + o que no Brasil*, Salvador: EDUFBA.

Lago, Regina Ferro. (1999). *Bissexualidade masculina: uma identidade negociada?* En: HEILBRN, Maria Luiza (org). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*, Rio de Janeiro: Zahar.

Welzer-Lang, Daniel. (2001). A construção do masculino: Dominação das mulheres e homofobia. Trad. de Miriam Pillar Grossi. *Revista de Estudos Feministas*, ano/ vol. 9,n.002, 200. Extraído no dia 20 de marco de 2011, de : <http://redalyc.uaemex.mx/redalcy/pdf/381/38109208.pdf>.

SEFFENER, Fernando.(2011) Composições (com) e resistências (à) norma: pensando corpo, saúde, políticas e direitos LGBT Em Colling, Leandro (org.). *Stnewwall 40 + o que no Brasil*, Salvador: EDUFBA.

Convergência Educativa